

Guia do cinema político - V



Por **WALNICE NOGUEIRA GALVÃO***

Uma seleção de filmes sobre Império e Colônia, com a indicação da plataforma em que estão disponíveis

Imperialismo/colonialismo/genocídio

A missão (1986) - dir. Roland Joffé. Em Sete Povos de Missões ou aldeamentos indígenas entre Brasil, Argentina e Paraguai, um padre jesuíta e um nobre espanhol em penitência lideram os índios, protegendo-os da escravização por portugueses e espanhóis, no séc. XVIII. Ambos apresentam posições divergentes, entre o não-enfrentamento e a resistência armada ante o colonizador. A trilha sonora do grande Ennio Morricone combina música barroca com cantos indígenas, em beleza raramente atingida no cinema.

Queimada (1969) - dir. Gillo Pontecorvo. Uma aula sobre imperialismo-colonialismo, localizada numa colônia açucareira do Caribe. Como infiltrar e sabotar uma revolução de escravos.

Uma passagem para a Índia (1984) - dir. David Lean. O grande cineasta inglês fez sistematicamente o processo do imperialismo da Inglaterra - e neste caso na Índia, visto por dentro. Seu cinema examina também o atrito com outros povos: *A ponte do rio Kwai* (japoneses), *A filha de Ryan* (irlandeses), *Lawrence da Arábia* (árabes).

A Promessa (2016) - dir. Terry George. Do mesmo diretor de *Hotel Ruanda*. Triângulo amoroso entre jovem armênio que vai estudar medicina na Turquia, moça armênia e fotógrafo americano. Passa-se no final do Império Otomano, às vésperas do genocídio armênio perpetrado pelos turcos.

Gandhi (1982) - dir. Richard Attenborough. A biografia do líder indiano que pregou a não-violência e a resistência passiva, até a expulsão do colonizador inglês. Sua vida exemplar, de privação e ascetismo.

Os gritos do silêncio (1984) - dir. Roland Joffé. Esta ficção inglesa reconstitui a história do *Khmer Rouge* e suas atrocidades, que abalaram o Camboja durante muitos anos e deixaram como saldo mais de um milhão de mortos, um país arrasado e despojos visíveis até hoje em campos de concentração.

O ato de matar (2014) - dir. Joshua Oppenheimer. Documentário que narra o percurso da brutal repressão na Indonésia dos anos 1950/60, que jamais prestou contas porque os repressores estão no poder até hoje, após trucidarem cerca de um milhão de pessoas. Assassinos e torturadores voluntariamente mimetizam seus atos, como num filme musical. Um horror.

Pequeno Grande Homem (1970) - dir. Arthur Penn. Filme que revirou do avesso as relações entre brancos e índios, mostrando seus horrores, quando o cinema era tradicionalmente arma da colonização que idealizava os caubois no faroeste.

Quando é Preciso ser Homem (1970) - dir. Ralph Nelson. *Infringe as convenções do faroeste, mostrando como o exército americano massacrava índios indefesos. Instaura paralelo com episódios contemporâneos no Vietnã.*

Dança com lobos (1990) - dir. Kevin Costner. Um soldado americano cruza a linha divisória e vai viver como um nativo. Das mais belas reconstituições da vida entre os pele-vermelhas: seus costumes, suas rotinas de trabalho, sua sociabilidade, seus afetos.

Timbuktu (2014) - dir. Abderraman Sissako, da Mauritânia. Chega nessa linda cidade, no Mali, tombada pela Unesco, uma

milícia fundamentalista armada até os dentes, que começa a moralizar tudo. Proíbem cantar, dançar, tocar instrumentos, jogar futebol etc. Visualmente lindo, com cenas lentíssimas e até estáticas, muito deserto e areia, com imagens dos edifícios em argila. Oscar de melhor filme estrangeiro, César e Palma de Ouro em Cannes

Gunga Din (1939) – dir. George Stevens. Elogio do colonialismo por Hollywood. Um humilde aguadeiro indiano (vividado por ator americano de face artificialmente tisonada) que aspirava a ser soldado de Sua Majestade da Inglaterra, trai seus compatriotas, enviando-os à morte e imolando-se ele mesmo para salvar ingleses. O comentário de Brecht vai ao ponto, perguntando porque um filme como esse faz-nos torcer pelo traidor. Filme de grande sucesso.

Beau Geste (1939) – dir. William A. Wellman. Outro elogio do colonialismo por Hollywood. Três irmãos ingleses – nobres, naturalmente – fogem e se alistam na Legião Estrangeira, indo ajudar a matar árabes no norte da África. Paira um mistério intrincado, que ao ser solucionado salva a honra deles e justifica o título. Outro filme de grande sucesso.

Hotel Ruanda (2004) – dir. Terry George. Como um gerente de hotel com consciência cívica conseguiu salvar do massacre um grande número de tutsis desarmados em Ruanda, acolhendo-os nas dependências do hotel que administrava e impedindo a entrada dos hutus que os perseguiam. A carnificina durou meses e colheu 800 mil vidas.

Faces do racismo

Mandela, um Grito de Vitória (1996) – dir. Angus Gibson e Jo Monell. Documentário que mostra o percurso de Mandela desde a infância até a presidência, com material de arquivo bem selecionado e bela trilha sonora com músicos sul-africanos. Ver também *Mandela – Longo Caminho para a Liberdade* (2013) – dir. Justin Chadwick. Ficção baseada na autobiografia de Mandela. A trajetória entre os companheiros de militância como Winnie Mandela, o chefe Sisulu, Oliver Tambo, o bispo Tutu etc.

Mooladé (2004) – dir. Ousman Sembene. O “pai do cinema africano” mostra meninas aterrorizadas ante a excisão genital, sendo acolhidas pelas mulheres mais velhas da aldeia sob o “direito de asilo”, ou *Mooladé*.

Chocolat (1988) – dir. Claire Denis. Na República dos Camarões (África), a filha menina do administrador colonial francês e um criado doméstico negro travam amizade e reagem às tensões da situação entre ambos.

Malcolm X (1992) – dir. Spike Lee. Biografia do líder negro da linha mais aguerrida da luta racial, que foi muçulmano negro (*black muslim*) por opção e morreria assassinado. Do grande diretor negro que fez do cinema sua arma na luta antirracista.

Faça a coisa certa (1989) – dir. Spike Lee. Anatomia de um motim no gueto feita passo a passo, mostrando como o mais inofensivo indivíduo acaba por ser o estopim da revolta.

A hora do show (2000) – dir. Spike Lee. A propósito de um programa de TV grosseiro e racista que conquista audiências, uma análise histórica do serviço que o entretenimento presta ao preconceito de cor.

O piano (1993) – dir. Jane Campion. Na Austrália, as fricções da colonização no triângulo armado entre brancos patrões, brancos empregados e maoris nativos.

A 13ª. Emenda (2017) – dir. Ava Duvernay. A inflação carcerária de negros nos Estados Unidos, que são 5 % da população mundial mas 25 % da população carcerária mundial. Transformou-se o preconceito racial em preconceito criminal (ninguém mais xingava “negro” mas “drogado” e “criminoso”): a Guerra às Drogas de Reagan/Nixon/Clinton/Bushes foi o meio encontrado para o genocídio disfarçado.

O Ódio (1995) – dir. Mathieu Kassowitz. Exame das condições de vida dos jovens excluídos que povoam a periferia de Paris, árabes e negros, sempre prontos a se sublevar incendiando seus bairros, bem como a entrar na criminalidade e nas drogas.

Beasts of no nation (2015) – dir. Cary Fukunaga. Revela e examina uma das ignomínias da modernidade: o treinamento e utilização de crianças-soldado na África.

Selma – Uma luta pela igualdade (2014) – dir. Ava Duvernay. Ficção reconstituindo a Marcha de Selma a Montgomery, no Alabama, em 1965, à frente Martin Luther King. Ponto de referência no movimento pelos direitos civis.

Crises humanitárias/migrações

Human Flow (2017) – dir. Ai Weiwei. O famoso artista plástico chinês, exilado de seu país, foi atrás de campos de refugiados em mais de 20 nações, para documentar pessoalmente o transe dessas vidas em suspenso.

Dia de festa (2005) – dir. Toni Venturi e Pablo Georgieff. Câmera na mão, os diretores registraram no ato sete ocupações realizadas pelo Movimento dos Sem-Teto no Centro de São Paulo, bem como os choques com a Polícia Militar. Acompanha a luta de quatro mulheres em busca de seu direito constitucional à moradia. Um épico. Anos depois Toni Venturi faria um filme de ficção sobre o tema: *Estamos juntos* (2011). Eliane Caffé filmaria *Era o Hotel Cambridge* (2016), do nome de um prédio ocupado por refugiados recém-chegados e sem-teto locais.

Cafarnaum (2019) – dir. Nadine Labaki. Ficção sobre um menino de rua em Beirute, Líbano. Suas dificuldades, suas aspirações, a relação com mãe e irmã de 12 anos, esta forçada a casar com um homem bem mais velho. A vida cotidiana dos sem-teto, em ambiente urbano inóspito.

Les Mains en l'Air (2010) – dir. Romain Goupil. Na França atual, caça e deportação de crianças sem papéis, de várias origens. Há os que as ajudam e há os que ajudam a persegui-las.

O Porto (2011) – dir. Aki Kaurismäki – Marginais e *clochards*, de muita dignidade, que vivem em precárias moradias no cais do porto em Le Havre, França, ponto de travessia do Canal da Mancha para imigrantes clandestinos que procuram atingir a Inglaterra. Ajudam um menino africano que chegou num contêiner e escapou, enquanto sua família e todo o seu grupo foi preso e deportado.

Adú (2020) – dir. Salvador Calvo. Filme espanhol centrado na tragédia das migrações forçadas, com multidões de africanos que todos os dias tentam cruzar da África para a Europa com vistas à sobrevivência. Focaliza um menino que não tem alternativa a não ser essa. NETFLIX

Reza por chuva (2014) – dir. Ravi Kumar. Na Índia, uma fábrica da empresa americana *Union Carbide* é responsável pelo pior desastre industrial da história, com vazamento de gás tóxico que matou 10 mil pessoas, em 1984. Com Martin Sheen, protagonista de *Apocalypse Now*, grande militante hollywoodiano que já foi preso 64 vezes em manifestações de protesto as mais variadas.

Capacetes Brancos (2016) – dir. Orlando von Einsiedel. Documentário sírio que registra esta ONG de cidadãos beneméritos, que acodem os sinistrados nos bombardeios aéreos e demais ataques da guerra civil na Síria. Curta-metragem de 41 minutos. NETFLIX

Sergio (2009 e 2020) – São dois filmes com o mesmo título e obras do mesmo diretor, Greg Baker: primeiro é documentário e o segundo ficção. Ambos relatam a vida e a morte do diplomata brasileiro Sergio Vieira de Mello que trabalhava no Iraque para a ONU, na qualidade de comissário para os refugiados. Morreu num atentado, quando o prédio em que trabalhava foi bombardeado.

***Walnice Nogueira Galvão** é Professora Emérita da FFLCH da USP. Autora, entre outros livros, de *Lendo e relendo* (Senac/Ouro sobre azul).

Para ler a primeira parte acesse <https://aterraeredonda.com.br/guia-do-cinema-politico/>

Para ler a segunda parte acesse <https://aterraeredonda.com.br/guia-do-cinema-politico-ii/>

Para ler a terceira parte acesse <https://aterraeredonda.com.br/guia-do-cinema-politico-iii/>

Para ler a quarta parte acesse <https://aterraeredonda.com.br/guia-do-cinema-politico-iv/>